

PRÁTICAS DE LINGUAGEM E A RETOMADA DA ESCRITA PELO SUJEITO RR

Nirvana Ferraz Santos SAMPAIO³²

Tamiles Paiva NOVAES³³

Resumo: Neste artigo, apresentamos dados de reconstrução da escrita de um sujeito afásico. Para tanto, recorreremos aos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva. Consideramos que o não separar língua(gem), cultura e sociedade, e compreender o sujeito como parte do corpo social possibilitam uma prática (clínica) com a linguagem capaz de conduzir o sujeito à retomada do papel de “sujeito de escrita”.

Palavras-Chave: Linguagem. Escrita. Afasia

Abstract: *In this paper, we present reconstruction data of the writing of an aphasic patient. For this we use the theoretical and methodological assumptions of Discursive Neurolinguistics. We believe that not separating language, culture and society, and understanding the patient as part of the social body allows a (clinical) practice with the language capable of leading the patient to resume the role of "writing's subject".*

Keywords: *Language. Writing. Aphasia*

³² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia. Líder do grupo de Pesquisa GPEN/CNPq/UESB. Email: nirvanafs@terra.com.br

³³ Mestre em Linguística pelo PPGLin/UESB. E-mail: novaes.tamilespaiva@gmail.com

Introdução

Apresentamos, neste artigo, resultados referentes à prática com a linguagem escrita realizada com RR, sujeito afásico que sofreu um acidente vascular cerebral (AVC). Para tanto, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva (doravante, ND), cuja proposta é implementada por Coudry (1988, 1996, 2002, entre outros). A justificativa da escolha dessa perspectiva se dá porque a prática (clínica) com a linguagem nesse âmbito não separa língua(gem), cultura e sociedade, e compreende o sujeito como parte do corpo social (SAMPAIO, 2006). Dessa forma, a interlocução é compreendida como lugar de produção de linguagem (COUDRY e FREIRE, 2010) e, portanto, de mediação no sentido vygotskyano (VYGOTSKY, 1988). Consideramos que a presença física do outro seja essencial nos casos de afasia e, nesse sentido, questionamos: na ausência física de um interlocutor, no momento da construção, o sujeito afásico seria capaz de proceder a essa atividade?

Este artigo é composto por três seções seguidas pelas considerações finais e as referências. Assim, a primeira seção aborda pontos relevantes teoricamente; a segunda seção apresenta a metodologia utilizada e os dados referentes ao sujeito RR e a terceira seção apresenta dados de escrita de RR com análise qualitativa.

Questões relevantes da Neurolinguística Discursiva, de escrita e de letramento

Essa abordagem se baseia nos trabalhos de Luria (1981), Jakobson (2005), Benveniste (1989), Franchi (1992), entre outros. Recorre-se a Luria (1981) sobretudo na concepção de cérebro como um Sistema Funcional Complexo, ou seja, um cérebro dinâmico, plástico e produto da evolução sócio-histórica do homem. Em Jakobson (2005), a linguagem é definida a partir de duas operações, que presidem todo ato de fala: a seleção e a combinação. O estudo, em especial, recorrerá a respeito do estatuto descritivo e explicativo dos eixos de seleção e combinação/metafórico e metonímico. Em uma releitura do mestre genebrino, o estudioso russo, Jakobson, utiliza a sua teoria das relações Sintagmáticas e Associativas para compreender as mudanças na relação do afásico com a língua. O preceito de que “antes da enunciação, a língua é apenas possibilidade de língua” (BENVENISTE, 1989, p. 14) é base para o desenvolvimento das pesquisas ancoradas na ND. Para essa abordagem, a relevância está na concepção de linguagem enquanto atividade constitutiva do ser humano (Cf. Franchi, 1992).

No desenvolvimento da pesquisa que deu origem a este artigo, recorremos ao conceito de escrita, tanto no âmbito neuropsicológico, quanto como atividade cultural que constitui o sujeito. Para isso, evocamos os estudos de Santana (2002) sobre os indícios da escrita e as operações de reelaboração dos afásicos. As questões de letramento foram respondidas a partir de Tfofi (2002). Pressupostos importantes, pois nos ajudaram a observar o acesso à escrita e a verificar o grau de letramento do sujeito RR após o AVC.

Segundo Santana (2002), é a partir de visão enunciativo-discursiva que é possível explicar a retomada do papel de “sujeito da escrita” do afásico, renegando as análises que tomam o “erro” como incapacidade ou desvio da norma. Para a abordagem discursiva deve-se reconhecer que a escrita só é possível por um exercício de subjetividade, de dialogismo e de trabalho linguístico.

Para Tfouni (2002), a relação entre escrita e letramento é medida através da relação do produto e do processo, ou seja, enquanto os sistemas de escrita são um produto cultural, o letramento é processo de aquisição de um sistema escrito. Na visão abordada pela autora, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita, procura estudar e descrever o que ocorre nas sociedades ao abordarem um sistema de escritura e observa quais práticas psicossociais substituem as práticas “letradas” em sociedades ágrafas. A visão de letramento é importante para este estudo, pois ele tem por objetivo verificar o social e não o individual, como alfabetizado padrão.

Questões de Metodologia

Realizamos com RR 22 encontros individuais e 21 encontros em grupo. Os acompanhamentos foram, em sua maioria, realizados no Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECOFA), Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), na Universidade Estadual da Bahia. (UESB). Apenas quatro encontros foram realizados em outros espaços, como a própria residência de RR e na residência da sua irmã. Isso foi necessário, durante o tempo de acompanhamento, pois RR foi internada várias vezes e precisava permanecer em repouso, o que inviabilizava a sua ida até a UESB. Além do ECOFA, RR frequentava semanalmente o fisioterapeuta no Centro Municipal de Atenção Especializada (CEMAE).

O estudo realizado neste artigo foi ancorado nos princípios de ética na pesquisa que envolve seres humanos. Foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres

Humanos como todo e qualquer projeto que seja relativo a seres humanos (direta ou indiretamente), conforme definido na resolução CNS 466/12. Esta pesquisa possui um Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE – com a numeração 31936014.5.0000.0055 e que assegura o direito de realização. O responsável pelo sujeito da pesquisa assinou um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

RR, o sujeito deste estudo, faleceu em agosto de 2015. Era do sexo feminino, nasceu em fevereiro de 1968, era brasileira, solteira, mãe de um filho, comerciária. RR possuía o ensino médio completo e havia passado no vestibular para cursar segurança do trabalho. Segundo informações da família, RR gostava muito de almoçar e jantar com amigos, era uma pessoa muito sociável, praticava caminhada e frequentava bastante a igreja. Gostava de ler romances, livros sobre política e com tema relacionado ao espiritismo, e assistia a Tv, filmes e novelas. RR frequentava as sessões de acompanhamento individuais e as sessões coletivas do Grupo ECOA desde novembro de 2013.

Em 2012, foi diagnosticado o primeiro Acidente Vascular Cerebral (AVC) hemorrágico, decorrente da hipertensão, e que teve como consequência a hemiparesia. Segundo o laudo médico, foi detectado um infarto em território da artéria cerebral média esquerda com atrofia do hemisfério esquerdo e com o comprometimento parcial da área de Wernick e da área de Broca. No mesmo ano, RR passou por diversas convulsões, voltou para o coma e permaneceu por seis meses em internamento domiciliar. Como sequela, há relato (da sua irmã, RS) de perda de interesse pelas atividades a ela relacionadas. Segundo RS, foi observada sequela cognitiva e linguística, RR verbalizava apenas as palavras sim e não e utilizava gestos para manter a comunicação.

Em 2014, RR sofreu outro AVC e, com o quadro convulsivo que resultou no diagnóstico, descrito pelo médico, com comprometimento nos lobos frontal e parietal esquerdos, permaneceu internada por mais dois meses no Hospital de Base de Vitória da Conquista. Nessa época, a irmã de RR relatou também dificuldades relacionadas à compreensão e a desvios na personalidade. Segundo RS, RR não conseguia mais se “expressar”, tinha dificuldades para compreender e já não se adequava mais as regras sociais, como, por exemplo, algumas posturas de comportamento.

O sujeito RR utilizava os processos alternativos de significação para preencher as falhas da linguagem verbal, produzia poucas palavras como “sim” e “não” e apoiava-se na prosódia para estabelecer uma inter-relação de comunicação. Coudry (1996) propõe o conceito de processos alternativos de significação como uma “formulação teórico-metodológica que tem se

mostrado produtiva quando a linguagem se apresenta, em várias de suas faces, modificada pela afasia”. Isso porque “Se a afasia afeta certas estruturas e usos da língua, por sua vez, o sujeito afásico busca outros modos/arranjos para significar/associar, ou seja, produz processos alternativos de significação”.

Com o objetivo de identificar a condição de escrevente de RR, já que não conhecíamos a escrita dela anterior à afasia, apenas tínhamos algumas informações pelas entrevistas e dados de prontuários a partir das quais traçamos um perfil de seu letramento, solicitamos-lhe algumas produções escritas com configurações diversas (listas, cartão e bilhete) e também atividades escritas cristalizadas pelas práticas escolares (cópia, ditado, complementação de sentenças e palavras). Como resultado destas “escritas diagnósticas”, observamos que RR se saía muito bem na cópia. Isso revela que ela não apresenta dificuldade com o processamento visual, nem mesmo com a coordenação visomotora. A maior dificuldade apresentou-se na atividade de complementação de sentença, já que não sabia como continuar e finalizar a ideia que havia sido apresentada.

A análise dos dados foi realizada qualitativamente a partir das produções escritas de RR. O recorte dos dados foi feito a partir do critério de saturação utilizado por Minayo (2006). Assim, quando os dados começaram a ficar repetitivos, como por exemplo a escrita do nome próprio, recortamos, visto que foram feitas diversas atividades de cópia e de escrita espontânea do nome próprio por RR.

O sujeito RR em meio a algumas práticas de linguagem escrita

Nesta seção, apresentamos alguns resultados das práticas de linguagem com o sujeito RR e o papel do mediador na promoção da autonomia da escrita desse sujeito.

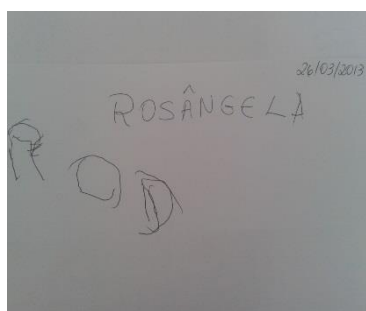
RR escrevia cada segmento (sílabas, letras e palavras) e necessitava da interlocução com as pesquisadoras para conseguir escrever. Frequentemente, ela não obtinha a palavra (ou mesmo a letra) desejada e era preciso oferecer o prompting; outras vezes, ela produzia um pequeno texto que, no entanto, apresentava uma forma que não era facilmente reconhecida por nós como leitoras e havia necessidade de retomada de todo o texto. Por isso, a transcrição de seus dados foi acompanhada de várias descrições de contexto, bem como da amostra de escrita a que a fala se referia.

Os dados de RR nos revelam uma dificuldade bem maior nas produções de textos do que nas atividades elaboração de lista e de escrita de nomes próprios. Acreditamos que isso

tenha relação com o processo de letramento vivido por RR e com a extensão da lesão decorrente do AVC. Em sua experiência de letramento, ela sempre escreveu listas de compras para sua casa, lembretes nas casas em que trabalhava, além de recados para o seu filho, o que almejava retomar em seu cotidiano. Como ponto de partida, recorremos à escrita do seu nome para se encontrar, de fato, no mundo e nas práticas sociais.

Dado 1 (26/03/2013): Nessa sessão, **RR** conversava com **Itp** e com **Ins** (mediadoras). Nessa atividade, realizada em sessão individual, RR estava prestes a fazer uma perícia no INSS e pretendia assinar o nome. Vejamos:

Figura 1 – Dado 1



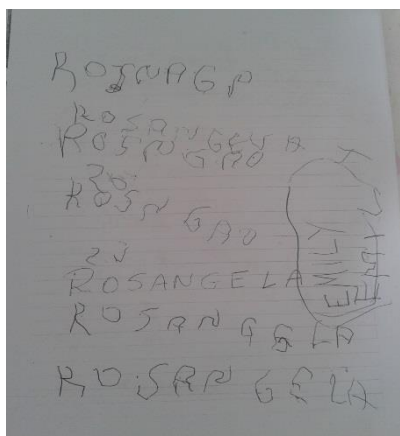
Transcrição: Mediadora escreve
ROSIÂNGELA
RR faz a cópia
ROD

Fonte: Arquivo das autoras

Observamos que RR desde o começo coloca a pesquisadora no papel de uma interlocutora-colaboradora de seu texto ao solicitar ajuda para escrever o próprio nome. E isso aconteceu de maneira constante em todo processo. Parece-nos que ela atribuía à pesquisadora uma posição de saber, de poder, nesta atividade conjunta, além de uma relação de confiança e compartilhamento que se estabeleceu entre RR e as investigadoras/mediadoras Itp e Ins.

Outro ponto importante para discutirmos é a identidade e o esforço de RR em escrever o nome. Entendemos aqui a identidade como um construto, um “resultado” que se chega discursivamente. A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa e fora da língua. RR, em vários encontros, buscava se apropriar da linguagem escrita e recusava utilizar a digital como sua assinatura. O segundo dado apresenta as tentativas da construção do nome:

Figura 2- Dado 2 Rosangela – Várias escritas



Transcrição: ROSNAGR, ROSA, ROSNOR,
ROSENGAN, (mediadora escreve ROSANGELA)
ROSANGELA, ROSRNGELA

(Mediadora escreve EMILY, RR copia EMILY)

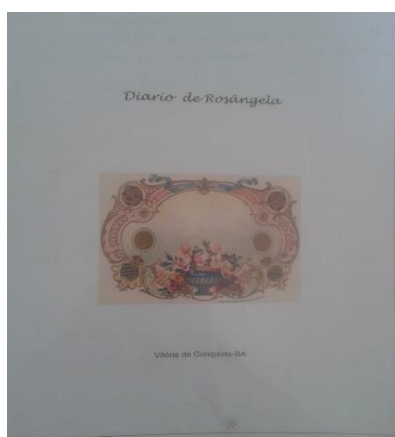
Fonte: arquivo das autoras

É possível percebermos que RR conseguiu escrever o nome e copiá-lo a partir do prompting dado pela pesquisadora. É, também, possível notar uma melhora no processo de RR. No primeiro dado, RR escreveu apenas as três primeiras letras do seu nome, e mesmo com a mediação da pesquisadora ela não conseguiu realizar o processo de cópia, como foi possível acompanhar no segundo dado.

É importante destacar que, ao ser questionada sobre sua escrita, RR era capaz, mesmo com dúvidas, de reconhecer o “erro”. Entretanto, não conseguia explicar o que destoava da escrita desejada. Fazia sinal com a cabeça para indicar o que não estava correto e o que nos nomes próprios não conseguia escrever corretamente.

Nas atividades em grupo e com o tempo nos acompanhamentos, RR demonstrou grande vontade de se recuperar e se aplicava, de fato, às atividades com a linguagem, tanto àquelas propostas nas sessões, quanto àquelas realizadas em casa por iniciativa própria (como o diário). O diário foi uma iniciativa da investigadora **Itn**, pois, segundo a irmã de RR, ela sempre procurava anotar fatos do dia-a-dia e assuntos que surgiam. O diário foi um presente confeccionado pela pesquisadora. Nele estava escrito “Diário de Rosângela”, como um reforço para a escrita de registros cotidianos.

Figura 3 – Diário de Rosângela



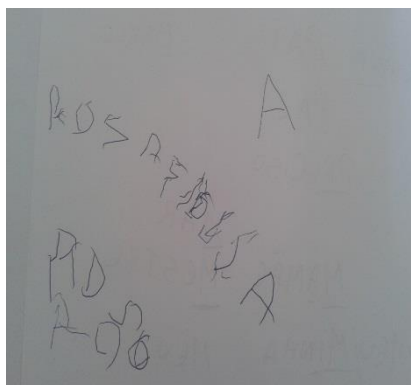
Fonte: Arquivo das autoras

Para Coudry (1988), o diário funciona como um expediente prático e proporciona uma fonte de dados atuais do sujeito que contribui para a construção do enredo de episódios dialógicos. Dessa forma, com o diário, amplia-se o conhecimento dos interesses de RR por parte do investigador, estimulava-se a prática de atividades diferentes das usuais no acompanhamento (clínico), obtêm-se aspectos da organização da vida do sujeito que poderiam ser registrados. O diário de afazeres pode funcionar para o sujeito como um princípio organizador dos episódios dialógicos a ele relacionados e fornecer ao investigador perguntas relevantes para o sujeito a respeito da sua experiência. Dito de outra forma: o investigador tem acesso a episódios passados e atuais tais como viagens, visitas, acontecimentos sociais, questões de trabalho, família, negócios, lazer etc., que auxiliam nas trocas simbólicas no decorrer das interações.

As anotações feitas no diário eram exclusivamente realizadas por RR. Ela também possuía uma agenda, as anotações eram feitas pela irmã e pelas pesquisadoras para marcar os dias do acompanhamento, das consultas médicas e da evolução do seu caso (como conseguiu atender o telefone e andar sem muletas). O sujeito RR demonstrou interesse pelo procedimento avaliativo do diário e o transformamos em uma estratégia de escrita.

Nos dados do estudo, que aqui se apresenta, a mediação merece destaque por ser relevante considerar como experiência nesse contexto os meios de significação construídos com o outro, pois é lançando o olhar para o que sujeito evidencia na linguagem em funcionamento que se pode compreender a amplitude da linguagem em si. Embora a suas dificuldades fossem grandes – sobretudo no que diz respeito às atividades de fala, leitura e escrita –, verificamos algumas melhoras como mostram os dados que serão apresentados.

Figura 4 – Dado 3: Nessa sessão individual, RR busca, por meio da intervenção da investigadora, escrever o próprio nome.



Transcrição: A ROSA (trecho ilegível) SA RDSO

Fonte: Arquivo da autoras

Esse dado nos revela uma escrita espontânea de RR. Nessa sessão, RR conversava com a mediadora (Itp) sobre o encontro anterior e se ela havia gostado do encontro com o grupo. RR sempre iniciava o acompanhamento escrevendo o próprio nome, com uma iniciativa própria, nenhuma investigadora solicitava a ela a atividade. Apesar das dificuldades de RR para selecionar palavras (o que levava RR a produzir enunciados inteligíveis), ela reconhecia as letras do nome e produz um CVCV- consoante/ vogal/consoante/vogal- estrutura silábica. Dito de outro modo, isso revela que, apesar de se tratar de um quadro bastante complexo, o sujeito não está “assujeitado” (o tempo todo, pelo menos) a sua condição e é capaz de trabalhar com e na linguagem.

No primeiro texto escrito por RR, temos grande dificuldade para ler o que escreveu – devemos levar em conta a hemiparesia da mão direita e a dificuldade motora de escrever com a mão esquerda – mas notamos como certas propriedades da escrita estão preservadas: o fato da escolha da letra inicial do nome “R” e a sequência silábica.

As intervenções feitas pela pesquisadora nessas produções foram constantes, sendo que algumas vezes havia desistência na tentativa de reformulação: o que, mesmo, ela queria escrever? Será que ela teria percebido um erro e feito alguma reparação se tivesse tido mais tempo? Ao ficar adivinhando o que queria dizer ou o que tinha escrito, acabava provocando uma limitação na possibilidade de reformulação. Por outro lado, a integração de papel enquanto colaboradora no processo de construção do texto deixou claro o significado da interlocução nesta atividade dialógica.

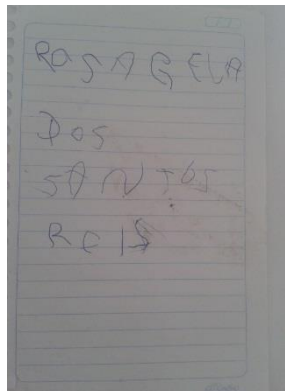
Em relação às interferências realizadas pela pesquisadora, observamos que muitos modelos escritos foram oferecidos, já que ela copiava as palavras que eram escritas, sob forma de diário, durante os registros da atividade.

RR percebia várias vezes quando cometia erros, mas não sabia como corrigi-los. Frequentemente fazia uso de expressões que checavam se a escrita estava adequada, balançava a cabeça ou apontava o polegar como sinal negativo ou positivo: é isso? está certo? A função metalinguística, embora não reduzida a esse sistema, mostrou-se preservada, e RR a utilizava de maneira consciente. Em outro dado, veremos como foi o processo de cópia de RR.

A seguir, apresentaremos dados que também se referem à escrita dos nomes do filho e dos pais. Chamamos a atenção, logo de início, para o interesse de RR em escrever. Percebemos, ao longo desses quase dois anos de acompanhamento, que ela se relacionou diretamente com a produção escrita, em momentos diferentes. Na maioria das vezes, ela não se interessava por outras atividades como, por exemplo, a escrita com o alfabeto móvel ou no computador, sempre recorria ao papel e à caneta para colocar-se a escrever.

O **Dado 4** foi retirado de uma sessão individual e mostra uma cópia de RR. No dia do acompanhamento, ela retirou a carteira de identidade da bolsa e começou a escrever o seu nome completo, conforme estava no documento, no caderno de **Itn**. Esse dado revela a necessidade do sujeito de retomar a escrita e como ela compreende a sua subjetividade.

Figura 5 – Dado 4 - Escrita do nome próprio



Transcrição: ROSANGELA DOS
SANTOS REIS

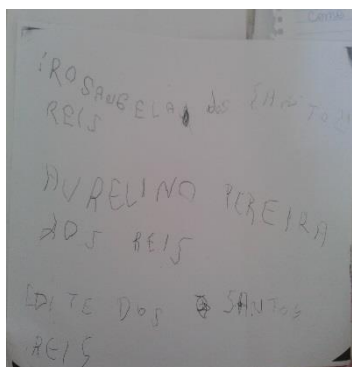
Fonte: arquivo das autoras

No momento da escrita, não houve interrupções nem influência da pesquisadora, e RR identificou uma forma de escrever corretamente o seu nome copiando-o através da carteira de identidade. Quando questionada se estava escrevendo o nome próprio, ela fazia sinal positivo com a cabeça. Isso aconteceu diversas vezes, mas realizamos o recorte necessário para a análise dos dados com base no critério de saturação proposto por Minayo (2006). É, também, possível perceber que RR não introduz a consoante N na escrita do nome. As grafias não convencionais da sílaba com coda nasal são explicadas por duas complexidades: (i) a fonético-fonológica da sílaba, particularmente do elemento nasal em coda, e (ii) a da representação ortográfica da

nasalidade em português. Sob o aspecto fonético, a coda corresponde a uma redução de energia, o que pode tornar os segmentos que preenchem essa posição da sílaba menos audíveis. Sob o aspecto fonológico, a coda pode ser vista como um constituinte não imediato da sílaba cujo preenchimento sofre restrições. É um evento comum em crianças em processo de alfabetização.

O **dado 5**, revela a cópia dos nomes dos pais produzida, também, a partir da carteira de identidade, por RR.

Figura 6- Dado 5



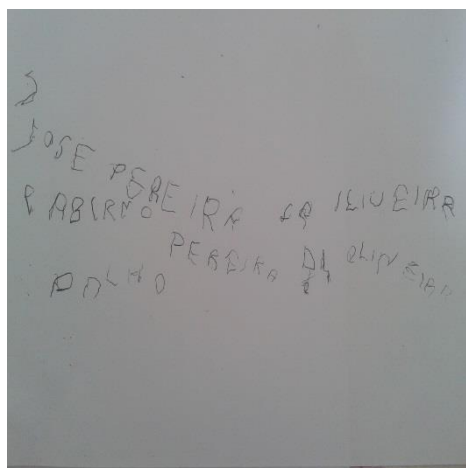
Transcrição: ROSANGELA DOS
SANTOS REIS
AURELINO PEREIRA DOS REIS
EDITE DOS SANTOS REIS

Fonte: Arquivo das autoras

O trecho acima corresponde aos nomes dos pais de RR: Aurelino Pereira dos Reis e Edite dos Santos Reis. Embora não tenha sido necessário o diálogo com a pesquisadora para que alguma “correção” em relação aos nomes fosse feita, RR questiona se estava correto. Em seguida, a pesquisadora questiona a RR quem eram aquelas pessoas. Sem o auxílio da linguagem oral, RR retirou o álbum de fotografias, que sempre levava para os encontros, e entregou a foto dos pais para a pesquisadora e apontou para o coração como quem diz: “meus amores”.

A seguir, o dado 6 foi retirado do diário de RR. O dado apresenta a escrita do nome do ex-companheiro e do filho.

Figura 7- Dado 6 José pereira de Oliveira/ Fabiano Pereira de Oliveira.



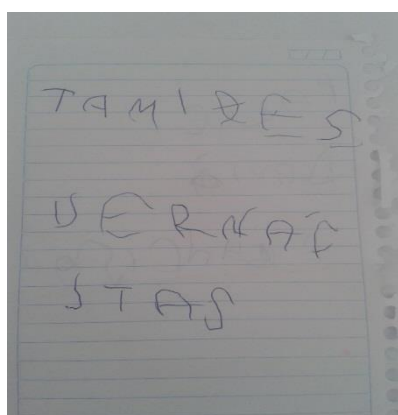
Transcrição: JOSÉ PEREIRA DE
OLIVEIRA
FABIANO PEREIRA DE OLIVEIRA.

Fonte: arquivo da autora

Na interlocução oral entre RR e a pesquisadora, mais uma vez, observamos uma ocorrência colaborativa na atividade de produção textual escrita. Durante todo este processo de escrita, para que ela correspondesse verdadeiramente ao nome do filho e do ex-companheiro, Itp se colocou como interlocutora pedindo a RR que escrevesse e colocando-a no papel de leitora de seu texto. Além disso, foram fornecidos promptings orais e escritos para auxiliá-la no acesso lexical em sua forma escrita.

O **dado 7** também foi retirado na sessão individual e aconteceu no mesmo acompanhamento do **dado 4**. Ao perceber a assinatura da investigadora no caderno, RR começou a reproduzir o nome.

Figura 8 – Dado 7: Tamiles Letras Vernáculas



Transcrição: TAMITES VERNAC LTAS

Fonte: Arquivo das autoras

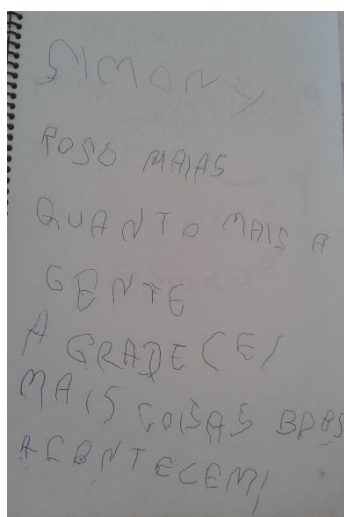
Com a figura 10, é possível observar os caminhos utilizados por RR para se manter na linguagem. Neste dado ela escreve o nome da pesquisadora e a sua graduação. Mesmo

produzindo cópias, RR tinha consciência do que produzia. Quando questionada, ela sempre respondia com coerência, e, apesar de não conseguir evocar as palavras, utilizava outros meios pra se comunicar. Utilizava gestos, fotografias, escrita, e, por muitas vezes, fazia da pesquisadora a sua interlocutora e mediadora. Nos acompanhamentos em grupo, quando algum sujeito se reportava a RR com alguma pergunta, ela se desculpava fazendo gestos com as mão para informá-los da sua ‘impossibilidade’ oral e pedia com um olhar que as pesquisadoras respondessem por ela. Isso demonstra o elo de confiança firmado entre as pesquisadoras Itp, Ins e o sujeito.

Entender essas práticas de linguagem em que RR se inseria semanalmente leva-nos à compreensão de que forma elas podem ter exercido uma influência significativa na possibilidade de reconstrução da linguagem escrita. Tal fato poderá ser observado a seguir.

RR retira o livro da bolsa e separa uma mensagem prara escrever. Quando questionada para quem ela iria escrever, o sujeito RR apoia-se novamente nas fotografias. Havia naquelas fotos uma foto antiga de Simony, ex-patroa e muito amiga. É importante observarmos que, na grande maioria das fotos, havia anotados, no verso, os nomes das pessoas retratadas e as datas.

Figura 9 – Dado 8: Simony Rosa Maria - Quanto mais a gente agradece mais coisas boas acontecem!



Transcrição: Simony, Rosa Maria: quanto mais a gente agradece mais coisas boas acontecem!

Fonte: arquivo da autora

A pesquisadora/mediadora volta-se para RR e pergunta quem era Simony. RR não consegue responder e faz um gesto de carinho na foto. Em um outro momento, a pesquisadora perguntou para a irmã de RR quem era Symone para conferir se as suas inferências estavam corretas.

Nesse dado fica evidente como RR estabelece a leitura e entende o conteúdo dela, pois a mensagem de agradecimento foi direcionada para duas pessoas por quem RR tinha um enorme carinho e muita gratidão.

Outro ponto que precisa ser destacado é o fato de RR manter a forma do gênero bilhete, direcionando a mensagem a um destinatário, e como ela manteve os rituais da escrita (procedimentos que envolvem a prática de leitura e escrita): o modo como organizou a folha de papel em que iria escrever o bilhete – da esquerda para a direita, respeitando os espaços entre as palavras, a formatação do texto, a criação de linhas inexistentes no papel em branco.

Chama-nos a atenção, também, quando RR assume o papel de quem dita o que deve ser escrito, movimentando-se adequadamente pelas práticas escritas e orais. RR não perde o interesse, nem diminui seu estado de atenção quando assume esse papel, participando ativamente do processo de escrita, apesar de não conseguir mais continuar escrevendo, com a produção oral.

É interessante notar, ainda, como RR consegue manter-se na interação, ao longo de toda a atividade. Podemos observar esse aspecto quando, ao ser questionada sobre para quem ela iria escrever o bilhete, RR aponta para as fotos. Vale a pena lembrar que essa postura de negociar, com o sujeito, as atividades e seus conteúdos resulta da orientação teórico-metodológica desenvolvida no âmbito da neurolinguística do IEL/UNICAMP e do ECOA, consequentemente. Em outras palavras, tal prática, ao contrário da clínica tradicional, não fixa de antemão uma tarefa que não considere o sujeito e o funcionamento da linguagem.

Ao longo de toda a interação, observamos que RR e sua interlocutora assumem papéis diferentes no processo. Apesar de ser dado a RR o tempo necessário para que ela pudesse trabalhar sobre os recursos disponíveis, há uma intervenção, por parte dos interlocutores, o que o auxilia na reorganização de seus enunciados, orais e escritos. Essa negociação é o que permite que o sujeito se mova de uma posição a outra e de uma prática a outra, mesmo que de maneira limitada pela condição afásica.

Assim, Coudry (2010: 95) afirma que, “fala, leitura e escrita se estruturam e se mantêm como em um tripé no processo de aquisição da escrita”, chamando a atenção, ainda, para a possibilidade de podermos, após o processo de sua aquisição, retornar ao tripé quando, por exemplo, lemos um texto que consideramos difícil: “as palavras lidas para completarem o sentido voltam a precisar do apoio da fala e/ou da escrita” (COUDRY, 2010, p. 95).

Nossas reflexões caminham em direção a uma investigação sobre a relação entre linguagem, funcionamento cerebral e práticas sociais (cf. LURIA e VYGOSTSKY), por

acreditarmos que o estudo dessas relações é relevante para o aprofundamento da compreensão do caso de RR e do papel das práticas sociais de leitura e escrita nos estudos sobre afasia. Assim, acreditamos que leitura e escrita vistos sob uma determinada mediação constituem-se como lugar de trabalho linguístico, histórico e social.

Nos dados a seguir, RR em uma sessão de acompanhamento em grupo realiza a atividade proposta pela investigadora. Nessa atividade, o grupo deveria assistir a um vídeo do episódio dos “Trapalhões” e responder a perguntas com algumas observações do cenário, dos atores e das falas. O vídeo (retirado do YouTube) e o quiz de perguntas (feito em slides) foram reproduzidos no data show. RR respondeu às alternativas: apontando com o dedo indicador a alternativa que considerava certa, fazia sinais de dúvida para a investigadora e, por vezes, sinais de troca de alternativa. Nesta atividade, foi possível observar todos os acertos de RR e esses foram muitos.

Como o dado foi significativo demais para o processo de (re)construção da linguagem do sujeito, a investigadora Itp, que acompanhava RR, resolveu repetir a atividade em uma sessão individual. Desta vez, RR poderia utilizar a escrita para responder às alternativas. Isso permitiu a teorização dos dados e uma certeza de que a leitura fazia sentido.

Figura 10 – Dado 9: Os Trapalhões

The image displays two quiz slides from the movie 'Os Trapalhões'. The first slide, on the left, has a yellow background and asks '1-Qual é o nome do sargento?' (1-What is the name of the sergeant?). It lists four options: A) Caneta, B) Pinça, C) Píncel, and D) Paçoca. A small video frame shows a man with a mustache, likely the sergeant. The second slide, on the right, also has a yellow background and asks '2-Didi é o soldado de número: (00:30)' (2-Didi is the soldier number: (00:30)). It lists four options: A) 39, B) 49, C) 29, and D) 59. A small video frame shows a man in a military cap, likely Didi.

3- O que havia na cesta de lixo no quartel? ^(2:00)

- A) sacolas de plástico
- B) brinquedos
- C) jornais velhos
- D) roupas velhas

4- Qual foi o objeto usado pelo coronel para servir de taco? ^(5:40)

- A) Uma inchada
- B) uma bengala
- C) uma barra de ferro
- D) uma vassoura

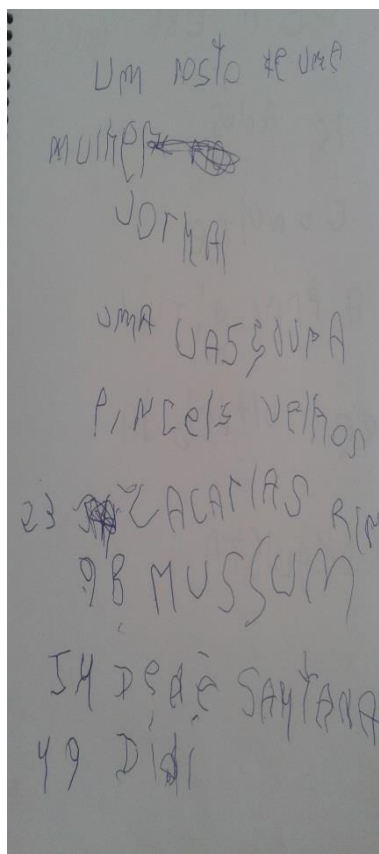


Na cena em que o sargento tem o cabelo cortado, há uma parede com um quadro, que desenho há nesse quadro? ^(8:50)

- Um rosto de uma mulher
- Uma taça de vinho
- Uma casa
- Um rio



Fonte: arquivo das autoras



Transcrição: Um rosto de uma mulher/
Jornais /Uma vassoura /Pincéis velhos/ 23
Zacarias Rias/ 9B Mussum/ 54 Dedé
Santana/ 49 Didi

Fonte: Arquivo das autoras

Vários pontos nesses dados merecem destaque. Começamos pelas tentativas de refacção textual de RR ao perceber que a alternativa que pretendia copiar não era a alternativa correta. Ao observarmos, atentamente, percebemos que antes de escrever Zacarias ela tenta escrever o número da alternativa que ela compreendeu como a certa. Ou seja, ela substituiu um tipo de informação por outra mais relevante e coerente com o texto que queria escrever.

Apareceram, dessa forma, situações em que RR sussurrava enquanto escrevia, tal procedimento era mais frequente nos momentos de dúvida em relação ao texto, portanto, a presença de algumas correções. Esse sussurro pode ser entendido como a fala egocêntrica, quanto mais difícil mais alto as crianças falam. A fala egocêntrica age, portanto, como uma função reguladora da linguagem. No entanto, há alguns momentos em que ele usou a oralidade como um apoio à escrita, especialmente, na sua elaboração, como uma maneira de organizá-la. O processo de interlocução de Itp com RR interferiu no resultado. Houve com ela uma ocorrência maior de conversa a respeito do conteúdo do texto do que em relação a sua forma. Tal fato é coerente à condição de letramento de RR, algo que denota seu conhecimento em relação à linguagem escrita, anterior à afasia.

Ao perceber que RR estava na dúvida e com dificuldade para responder à segunda pergunta “Didi é o soldado de número:”, a pesquisadora realizou outra interferência e deu pistas a RR sobre a resposta correta. Ela também abriu o Google e procurou por todos os participantes dos Trapalhões. Nesse momento RR escrevia o nome de cada personagem através do computador que estava conectado ao data show.

Com um olhar mais atento, podemos notar que RR coloca o número da alternativa em frente a cada nome, como por exemplo: 29 Zacarias e B Mussum. Ao notar a resposta correta, RR redireciona o número da alternativa ao personagem correto: 49 Didi. Ao ser questionada sobre a resposta, ela fazia sinal positivo com o polegar e sorria, como quem diz: tenho certeza!

Outro ponto também a ser destacado era a reação que RR tinha ao passar as imagens de Zacarias e Mussum. Ela reagia com gestos e sons de tristeza, como: “Oh! Oh”. Ao perguntar se ela ficava triste com a morte dos dois ela respondia enfaticamente: “sim, sim”. Isso nos deixou claro que RR estava realizando de maneira coerente a relação entre as imagens e as alternativas escritas.

O dado nos mostra a boa condição de RR como escrevente do gênero solicitado, quando escreve os itens enumerando-os. Ao reler o que escrevia, fazia reformulações mobilizadas pela sua própria leitura.

Observando os textos elaborados por RR, identificamos que, embora seja uma escrita com alguns problemas, os textos, em relação à elaboração, ao formato, aos aspectos de coerência e coesão, são bastante aceitáveis e legíveis. Nesse sentido, afirmamos que RR manteve preservadas as regras formais do uso da modalidade escrita da língua.

Nesse processo de escrita, foi possível verificar que RR necessitava de intervenção da pesquisadora/investigadora enquanto interlocutora-colaboradora-mediadora para realizar a escrita como também para perceber e proceder a modificações em seus textos. Essa intervenção foi frequente em todos os momentos.

O trabalho realizado por RR com sua escrita, especialmente, indicou uma preocupação em tornar esta uma atividade consciente, de maneira que os “erros” fossem uma alternativa para os acertos. Tal processo nos indicou uma busca por um maior entendimento de sua condição de sujeito, ainda que afásico, de linguagem – uma tomada de consciência sobre sua subjetividade.

Considerações finais

O que se destaca nesse processo é que a reconstrução da linguagem não se dá no isolamento e sim no encontro com o outro e com os recursos linguísticos. É no momento que RR interage com o investigador com o seu novo padrão de normalidade que suas intenções vão transparecendo e que as suas ideias são compartilhadas. Dessa forma, a sua instabilidade transforma-se em estímulo para um processo de significação e reconstrução. Dessa maneira, o significado da palavra e o seu entendimento dependem necessariamente da relação que se estabelece entre os sujeitos. Esses aspectos devem ser destacados no estudo de caso após ocorrências neurológicas que tornam sujeitos afásicos, ou seja, o trabalho de reconstrução dos aspectos linguísticos apagados é um trabalho em conjunto que deve ser considerado no acompanhamento do sujeito afásico.

O desenvolvimento apresentado pelo sujeito RR durante os processos de produção escrita apontou para um ganho em termos de suas práticas de letramento. Atribuímos isso tanto à prática desenvolvida em função deste estudo, quanto à frequência dela nos encontros do ECOA. Tais ganhos também indicaram que as condições sociais em que os afásicos se inserem são primordiais em seus desempenhos como sujeitos de linguagem: acreditamos que as práticas de linguagem vivenciadas no ECOA e o fato de que os textos escritos tinham um objetivo real (assinar o nome na perícia do INSS) foram grandes mobilizadores do processo.

Podemos verificar que a interlocução, como averiguamos, é constitutiva das práticas de linguagem. O que diferencia os sujeitos afásicos de outros falantes-escreventes é que, para eles, parece ser mais difícil manter a imagem formada sobre quem é seu interlocutor, na ausência desse. Isso nos leva a considerar que a presença física do outro seja essencial nesses casos. Retomando a questão formulada na introdução deste artigo, qual seja, na ausência física de um interlocutor no momento da construção, o sujeito afásico seria capaz de proceder a essa atividade? Consideramos que não é possível uma resposta pontual. Porém, a construção da linguagem escrita pode acontecer “à distância”, como parece ter acontecido com RR, que levava o diário para casa, motivada pela participação conjunta no trabalho. No entanto, acreditamos que foi na construção com outro que RR conseguiu se desenvolver.

As atividades de linguagem escrita, desenvolvidas pelo sujeito afásico, em especial as do gênero bilhete, carta e cartão, foram produzidas melhor a partir da interlocução com um outro, de preferência escrevente, da construção conjunta, colaborativa, negociada, e na presença física do interlocutor.

Os processos de letramento dos sujeitos escreventes são constitutivos das práticas textuais produzidas por eles. Consideramos fundamentais nesse processo as condições de letramento, as situações de interação durante a produção do texto escrito e as possibilidades de refacção nesses contextos. Os dados que apresentamos apontaram o quanto os modos de interação, as histórias de vida, os letramentos são processos importantes na caracterização e compreensão dos movimentos que marcam as relações entre essas práticas discursivas com linguagem oral e escrita.

Segundo Morato (1996), “a mediação é, portanto, condição e interpretação da vida mental dos indivíduos [...], sendo o contexto e as relações intersubjetivas condições absolutamente indispensáveis para que os processos cognitivos sejam relacionados aos fatos de linguagem”. (MORATO, 1996, p. 100).

Com relação ao sujeito investigado, podemos afirmar, finalmente, que a atividade de escrita levou-o à conquista de uma maior autonomia enunciativa provocada, especialmente, pela interlocução/mediação.

Referências

BENVENISTE, E. [1970]. O aparelho formal da enunciação. In: **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989. cap. 5. p. 81-92.

COUDRY, M. I. H. [1986/1988]. **Diário de narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. São Paulo: Martins. Fontes, 2001.

_____. O que é o dado em Neolinguística? In: CASTRO, M. F. P. de (Org.). **O método e o dado no estudo da linguagem**. 1996.

_____. Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolinguística. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos**, 42, Campinas, IEL, UNICAMP, 99-129, 2002.

COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P. Pressupostos teórico-clínicos da Neurolinguística Discursiva (ND). In: COUDRY, M. I. H.; FREIRE, F. M. P.; ANDRADE, M. L. F. de; SILVA, M. A. (Orgs.). **Caminhos da Neurolinguística Discursiva**: teorização e práticas com a linguagem. Campinas. Mercado de Letras. p. 23-48. 2010.

FRANCHI, C. [1977] **Linguagem – atividade constitutiva**. Cadernos de Estudos Linguísticos, nº 22, Jan./Jun. Campinas: UNICAMP/IEL, 1992.

JAKOBSON, R. [1969]. **Linguística e comunicação**. São Paulo, SP: Cultrix, 2005.

LURIA, A. R. **Fundamentos de neuropsicologia**. São Paulo: EDUSP, 1981.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde.** 9ª edição revista e aprimorada. São Paulo: Hucitec, 2006.

MORATO, E.M. **Linguagem e Cognição:** as reflexões de L. S. Vigotski sobre a ação reguladora da linguagem. São Paulo: Plexus, 1996.

NOVAES-PINTO, R. do C. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. In: **Letras de Hoje** 47 (1): 55-64, 2012.

SAMPAIO, N.F.S. **Uma abordagem sociolingüística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala.**

Originalmente apresentada como Tese de Doutorado. Campinas: Dep. de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2006.

SANTANA, A. **Escrita e afasia:** o lugar da linguagem escrita na afasiologia. São Paulo, SP: Plexus, 2002.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização.** São Paulo, SP: Cortez, 2002.

VYGOTSKY, L. S. [1931] **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. A pré-história da linguagem escrita. [1931] In: _____. **A Formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1988. p. 69-79.